

**SIGNOS DA MASCULINIDADE E A REPRESENTAÇÃO DAS FILOSOFIAS
MACHADIANAS EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS***

George Patrick do NASCIMENTO¹
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
geo.patrick@hotmail.com

Roniê Rodrigues da SILVA²
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
rodrigopinon2014@gmail.com

RESUMO: O presente artigo busca analisar os signos de masculinidade desempenhados pelo personagem Brás Cubas, na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, e as ideias filosóficas do Humanitismo machadiano, uma vez que Brás representa um segmento elitista e pseudointelectualizado da sociedade hierarquizada do Rio de Janeiro do século XIX. Para tanto, este trabalho de análise literária utiliza-se, através de uma abordagem metodológica bibliográfica, dos escritos de teóricos como Badinter (1993), Nolasco (1993, 2001), Oliveira (2004), Bourdieu (2016) e Ferreira Júnior (2018), que versam sobre os estudos de gênero envolvendo as masculinidades.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Masculinidade. Filosofias machadianas.

**SIGNS OF MASCULINITY AND THE REPRESENTATION OF MACHADO'S
PHILOSOPHIES IN THE *POSTHUMOUS MEMOIRS OF BRÁS CUBAS***

ABSTRACT: This article purposes to analyze the signs of masculinity performed by character Brás Cubas, in the book *Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (1881), by Machado de Assis, as well as the philosophies ideas of Machado's Humanitism, because Brás represents an elitist and pseudointellectualized segment of hierarchical from Rio de Janeiro in 19th century. For this purpose, this paper of literary analysis uses, through a bibliographic methodological approach, the writings by theorists such as Badinter (1993), Nolasco (1993, 2001), Oliveira (2004), Bourdieu (2016) and Ferreira Júnior (2018), who discuss about gender studies involving masculinities.

KEYWORDS: Identity. Masculinity. Machado's philosophies.

¹ Doutorando em Letras (PPGL/UERN), Mestre em Letras (UERN), linha de pesquisa: texto literário, crítica e cultura.

² Doutor em Estudos da Linguagem (UFRN), pós-doutor em Literatura e Interculturalidade (UEPB), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN).

1 INTRODUÇÃO

Na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), Machado de Assis apresenta, ao seu público leitor, uma filosofia fictícia muito bem elaborada, denominada de Humanitismo, que vai sendo explicada em diversas partes do enredo pelo personagem Quincas Borba e, ao mesmo tempo, representada pelos fatos narrados. Um dos pilares do Humanitismo é a competitividade entre os homens, a fim de enaltecer a “sociedade hierárquica e ritualizada” (SCHWARZ, 1990, p. 155).

Considerando que o princípio da competitividade, bem como o da hierarquia, ou o da ritualização para tornar-se um homem são alguns dos muitos signos que perpassam as performances da masculinidade (FERREIRA JÚNIOR, 2018), é possível enxergar, nessa obra, mais especificamente sobre o papel das ideais (SCWHARZ, 1990), uma possibilidade de se analisar a (des)construção da identidade masculina de alguns personagens, seja quando eles correspondem a paradigmas do patriarcado, que é uma “dominação sistemática feita pelos homens sobre as mulheres em algumas ou todas as esferas e instituições da sociedade” (GIDDENS; SUTTON, 2016, p. 163), seja quando eles rompem com esses estereótipos. No caso de Brás Cubas, estes signos estão relacionados com os imperativos de “ser homem! Ser forte! Lutar! Vencer! Brilhar! Influir! Dominar!” (ASSIS, 2014, p. 317).

A partir disso, o presente artigo tem o propósito de fazer um paralelo entre as filosofias presentes em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e os estudos sobre masculinidade feitos por autores como Badinter (1993), Nolasco (1993, 2001), Oliveira (2004), Bourdieu (2016) e Ferreira Júnior (2018). Formulações estas passíveis de serem percebidas na caracterização de alguns personagens, em especial do protagonista Brás

Cubas. Para tanto, iremos apresentar, primeiramente, cada um desses dois objetos de pesquisa, para, na sequência, adentrarmos nas análises literárias.

2 MASCULINIDADES NOS ESTUDOS DE GÊNERO

Neste artigo, optamos em verificar as manifestações simbólicas da identidade masculina presentes no personagem Brás Cubas em *MPBC*³, porque percebemos que os signos que envolvem a caracterização dele são duais, no sentido de ora condizerem com padrões estereotipados, ora serem desviantes de um modelo esperado, em uma perspectiva social concomitante com o tempo, o espaço e o contexto representados no romance, neste caso, o Rio de Janeiro do século XIX. Nesse sentido,

[...] identificar signos de masculinidades na literatura requer reconhecê-los tanto como construção social, com suas variantes históricas e culturais, quanto a partir da performatividade das práticas significantes – e, por vezes, subversivas – de gênero observáveis nas obras. Desse modo, tão importante quanto perceber as marcas de masculinidade é caracterizar os modos como aquelas se materializam performativamente nas obras. (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p. 132).

Portanto, a masculinidade dispõe de marcas que se figurativizam nas construções identitárias dos sujeitos reais e literários. Contudo, não de uma maneira absoluta, pois ela é passível de oscilações a depender de fatores diversos, a exemplo de um contexto social, de uma ocupação profissional, de uma crença ideológica, de uma orientação sexual etc. Em outras palavras, a masculinidade é “um lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação” (OLIVEIRA, 2004, p. 13).

Há, entre esses símbolos, aqueles que possuem uma conotação positiva e outros que possuem uma valoração negativa, ainda mais quando falamos de um ideal de

³ A partir desse ponto, ao nos referirmos ao título da obra machadiana *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, utilizaremos a sigla *MPBC*.

masculinidade. Trazendo para o contexto das *MPBC*, estamos a nos referir, especificamente, ao ideal de masculinidade moderna:

O ideal moderno de masculinidade representou durante os séculos XVIII, XIX e parte do século XX a imagem mais positiva que a civilização ocidental fez de si própria. Características como potência, poder, domínio, força, coragem, atividade, ousadia, valentia, vigor, eficácia, sagacidade, robustez, probidade, lealdade, firmeza, segurança, solidez, imponência, inteligência, resistência, temeridade, magnanimidade, intensidade, competência, integridade, invulnerabilidade, além de muitas outras, estiveram frequentemente associadas ao ser masculino e foram pensadas como qualidades em si, positivas [...]. (OLIVEIRA, 2004, p. 281).

Logicamente que a positivação dessas características do ideário masculino moderno é passível de contestações, uma vez que elas não são apenas cristalizadas, mas também mitificadas. Na verdade, por meio de instituições sociais como a família, o Estado, o Exército, etc. (OLIVEIRA, 2004), essas simbologias da identidade masculina foram socialmente impostas durante muitos séculos ou milênios (BADINTER, 1993), já que

ninguém pensava em questionar o homem. A masculinidade parecia algo evidente: luminosa, natural e contrária a feminilidade. As três últimas décadas fizeram explodir essas evidências milenares. Ao procurarem se redefinir, as mulheres coagiram os homens a fazer o mesmo. XY continua sendo a constante, mas a identidade masculina não é mais aquilo que era. Prova de que não estava inscrita em mármore. (BADINTER, 1993, p. 6).

Por isso que toda e qualquer característica que destoe dessas valorações positivadas do ideário masculino moderno (força, vigor, inteligência, competência etc.) acaba sendo considerada uma deturpação do mesmo (quando nos referimos à época em que essas simbologias eram socialmente enaltecidas), porque elas eram, praticamente, inquestionáveis até a eclosão dos movimentos de contracultura da década de 1960 (NOLASCO, 1993). E, muitas vezes, essa perpetuação de valores generificados se deu

através da circulação de determinados tipos de literatura, bem como dos muitos mitos orais e escritos, uma vez que

as categorias de gênero foram construídas em diferentes culturas seguindo o roteiro das mitologias coletivas e definindo modos de ser para homem e mulher. Para o sujeito, isto implica, portanto, saber como operar com as imagens e os sentimentos narrados pelos mitos, ao mesmo tempo que se desenvolvem sentimentos de identidade e formas de inserção social. (NOLASCO, 2001, p. 215).

Desta feita, essas categorias de gênero e de mito são fortemente evidenciadas nas inúmeras formas de literatura, bem como nas diversas épocas e culturas da história humana, o que corresponde também à supervalorização do ideário masculino presente na descrição dos personagens narrados nas *MPBC*, mais especificamente em sintonia com o signo masculino mitificado da inteligência, também positivada em excesso na obra em questão.

3 FILOSOFIAS MACHADIANAS: O PAPEL DAS IDEIAS EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Roberto Schwarz, em seu livro intitulado *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990), optou em dedicar um capítulo inteiro (no caso, o capítulo nove) para tratar das ideias e filosofias que perpassam as *MPBC*. Ele argumenta que o contexto brasileiro, em que Machado de Assis viveu, estava sendo fortemente influenciado pelas ideias luzentes oriundas da Europa e, muitas vezes, essas filosofias não funcionavam muito bem dentro da realidade social da nossa nação, que convivia condescendentemente com o escravismo, tornando as ideologias liberais fora de lugar.

Nesse contexto, usando de uma criticidade e de uma comicidade incomuns, Machado de Assis abordou muitas dessas filosofias estrangeiras em sua narrativa, criando,

inclusive, uma filosofia própria dentro do universo das *MPBC*, mas que já se fazia presente em outros escritos seus:

O ensaio sobre “A nova geração”, de 1879, insistia justamente na maneira pouco apropriada pela qual os poetas vinham assimilando a tendência europeia recente. Aqui e ali, procurando explicitar impropriedades, Machado encontrava fórmulas para a comicidade objetiva deste processo. O conjunto das anotações esboça uma problemática de muito alcance, e compõe, ou abstrai, no que diz respeito ao funcionamento da vida intelectual, a matéria literária das *Memórias*. (SCHWARZ, 1990, p. 144, grifo do autor).

Assim, eventos específicos das *MPBC* mostram uma crítica a essas fórmulas intelectuais da ideologia burguesa, como forma de amenizar as suas ações deploráveis. Tais pseudofilosofias são representadas pelos seguintes episódios: “teorias do momento oportuno, da vantagem das botinas apertadas, das sucessivas reedições do indivíduo, da equivalência das janelas da alma, da solidariedade dos aborrecimentos humanos” (SCHWARZ, 1990, p. 148-149), conforme veremos a seguir.

3.1 TEORIA DO MOMENTO OPORTUNO

No capítulo cinquenta e seis das *MPBC*, o narrador-personagem Brás Cubas elabora para si mesmo uma explicação plausível acerca do relacionamento adúltero que ele mantinha com Virgília (esposa do político Lobo Neves). Explicação essa que não passa pelo crivo consensual ou ético. Enfim, essa explicação refere-se simplesmente ao fato de que o caso que ele tinha com a referida mulher era um romance em um tempo apropriado, ou seja, aquele era o momento certo de eles se amarem, uma vez que, no passado, quando Brás e Virgília eram namorados e comprometidos apenas um com o outro, eles não estavam amadurecidos afetivamente o suficiente para viverem um amor conjugal, motivo pelo qual teria se dado o término do relacionamento. Por meio dessa explicação, o

narrador-personagem transita da condição de sujeito inoportuno, isto é, de um intrrometido, de um galanteador de uma mulher agora casada com outro homem, para a condição de um amante oportuno: “Não há amor possível sem a oportunidade dos sujeitos” (ASSIS, 2014, p. 170).

É preciso considerar criticamente que a justificativa arranjada por Brás para essa oportunidade emerge do fato de ele pertencer a uma elite dominante para a qual a desfaçatez aparece como um comportamento recorrente. Assim é que ele se acha no direito de se tornar um frequentador assíduo da casa do Lobo Neves, transformando-se num amigo íntimo da família, ao mesmo tempo em que mantém, por um longo período, um conveniente caso com Virgília.

Lembramos, ainda, que Brás se considerava o melhor dos homens, inclusive no que se refere a satisfazer uma mulher sexualmente: “Achávamo-nos jungidos um ao outro, como as duas almas que o poeta encontrou no Purgatório: *Di pari, come buoi, che vanno a giogo*⁴; e digo mal, comparando-nos a bois, porque nós éramos outra espécie de animal menos tardo, mais velhaco e lascivo” (ASSIS, 2014, p. 171, grifo do autor). Esse tipo de pensamento em que o sujeito masculino é comparado a um animal lascivo ou a uma fera sexualmente ativa está de acordo com a simbologia do homem idealizado, uma vez que

todos os homens, em determinada época, sonharam ser assim: uma besta sexual com as mulheres, mas que não se liga a nenhuma delas; um ser que só encontra seus congêneres masculinos na competição, na guerra ou no esporte. Em suma, o mais duro dos duros, “um mutilado do afeto”, feito mais para morrer do que para se casar e ninar bebês. (BADINTER, 1993, p. 134).

Isso quer dizer que, apesar de Brás Cubas ter, de fato, ponderado, durante a sua trajetória de vida, sobre os planos que seus parentes haviam lhe sugerido, mais

⁴ *De par, como os bois que vão no jugo* (tradução nossa).

especificamente sobre a proposta de ingressar em uma instituição familiar através do casamento, ele nunca chegou a alcançar sucesso em tal empreendimento, já que nunca se ligou a nenhuma mulher maritalmente. Por outro lado, ele acaba se acomodando com a sua condição de amante, considerando-se, de forma egocêntrica, um homem sexualmente superior ao Lobo Neves, além de outros atributos viris, como se fosse uma competição que ocorre apenas no campo da imaginação, no campo da suposição, já que ele não chega a disputar, a discutir, a lutar corporalmente. Enfim, não chega a batalhar pela conquista do amor de Virgília em um sentido de vida civilmente conjugal.

Além disso, ainda em conformidade com as postulações de Badinter (1993) sobre o “*homem duro*” não ter uma afinidade evidente para casamentos e para a educação de crianças, Brás Cubas não chega a se casar com nenhuma mulher (seja por descaso da parte dele, seja por artimanhas do destino que as fazem morrer), nem a ter filhos ou a ninar bebês, bem como vive em uma eterna competição “mental” com os seus demais congêneres masculinos, através de uma outra pseudofilosofia chamada de a tese da ponta do nariz, a qual tem a ver justamente com esse egocentrismo exacerbado.

3.2 TEORIA DA VANTAGEM DAS BOTINAS APERTADAS

A teoria das botinas apertadas aparece no capítulo trinta e seis. Nesse capítulo, Brás Cubas consegue se sentir aliviado emotivamente depois de uns poucos dias de sofrimento causado pelo término de uma aventura amorosa entre ele e Eugênia (uma moça pobre), a fim de não ficar muito envolvido sentimentalmente. Esse alívio que surge depois de uma dor é comparado, pelo protagonista, com o calçar e descalçar de botas apertadas, de maneira que ele naturaliza, assim, o abandono de uma mulher, como uma forma de dar prosseguimento aos planos elaborados para potencializar a sua possível carreira política:

Então considerei que as botas apertadas são uma das maiores venturas da Terra, porque, fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as descalçar. [...] Tu, minha Eugênia, é que não as descalçaste nunca; foste aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa, até que viesse também para esta outra margem... O que eu não sei é se a tua existência era muito necessária ao século. Quem sabe? Talvez um comparsa de menos fizesse patear a tragédia humana. (ASSIS, 2014, p. 132-133).

O tipo de analogia elaborada por Brás permite que ele não se importasse com os sentimentos amorosos de Eugênia, uma vez que, apesar de ele ter inicialmente experimentado algum remorso ao deixá-la, não demorou muito tempo para sentir o maior prazer em tê-la abandonado, já que os privilégios da sua condição social poderiam estar em perigo, caso tal relacionamento com uma moça pobre e coxa fosse adiante. Isso se justifica porque “embora agora se saiba que os homens têm as mesmas necessidades afetivas que as mulheres, o estereótipo masculino lhes impõe sacrifícios e a mutilação parcial de seu lado humano” (BADINTER, 1993, p. 134). Em outras palavras, importava mais a Brás Cubas cumprir a vontade do pai, ou seja, em seguir a carreira política, bem como em tentar casar-se com alguém que fosse da mesma condição social que a dele ou, quem sabe, superior, do que simplesmente viver um amor com uma mulher economicamente desfavorecida que, além desse agravante, era também fruto de uma aventura amorosa inapropriada, uma filha não legitimada nas convenções familiares tradicionais, e que, portanto, poderia manchar o nome da família Cubas.

Nesse aspecto, a família Cubas também exerce uma forte influência no protagonista da história, uma vez que a sua irmã, de nome Sabina, muitas vezes tenta arrumar uma pretendente para ele. Ademais, Brás é, sempre que possível, direcionado pelo pai a zelar pelo sucesso e boa fama que carrega o sobrenome “Cubas”. Exemplo disso é quando ele manda o jovem Brás para a Europa, para estudar e graduar-se por lá, mas com o objetivo maior de que o filho não gastasse a considerável fortuna da família com uma aventura

amorosa juvenil, que atendia pelo nome de Marcela, principalmente quando o referido rapazote deu a esta mulher um pente adornado de diamantes, além de, anteriormente, outras joias e presentes:

... Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil. – Desta vez – disse ele – vais para a Europa; vais cursar uma Universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador e gatuno. [...] Sacou da algibeira os meus títulos de dívida, já resgatados por ele, e sacudiu-mos na cara. – Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhámos o dinheiro em casas de jogo ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! Desta vez ou tomas juízo, ou ficas sem cousa nenhuma. (ASSIS, 2014, p. 84).

Brás Cubas não resistia a nenhuma investida mais autoritária do seu pai no que tange aos assuntos amorosos. Foi assim com Marcela, foi assim também com a mencionada Eugênia, já que foi por causa da intervenção do seu genitor que Brás, de fato, não se envolveu de forma mais aprofundada com esta moça de condição financeiramente humilde:

– Ah! Brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste; não gastei dinheiro, cuidados, empenhos, para te não ver brilhar, como deves, e te convém, e a todos nós; é preciso continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais. [...] Teme a obscuridade, Brás; foge do que é ínfimo. Olha que os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens. Não estragues as vantagens da tua posição, os teus meios... (ASSIS, 2014, p. 116-117).

Como se vê, a figura paterna tem uma forte influência em uma sociedade orientada pelo patriarcalismo, “termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável” (ZOLIN, 2009, p. 219). Nesse sistema, os filhos precisam obedecer ao pai e seguir o exemplo dele, seguir

uma tradição familiar, representada aqui pelo sobrenome Cubas. Na verdade, no que se refere aos sujeitos masculinos, eles seguem não somente os exemplos do patriarca, mas também de todos os demais homens de sua convivência social, já que são eles mesmos quem constroem os modelos viris a serem repetidos, bem como combatem os desvios que surgem em seus meios. Em outras palavras, “a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’” (BOURDIEU, 2016, p. 77-78).

3.3 TEORIA DAS SUCESSIVAS REEDIÇÕES DO INDIVÍDUO

No capítulo trinta e oito das *MPBC*, Brás Cubas acaba se reencontrando, depois de retornar da Europa, com o seu primeiro amor da juventude: Marcela. Contudo, a mesma não carrega mais os antigos encantos estéticos, a mesma beleza natural que tinha no passado. Na verdade, ela está horrorosa por causa da face bexiguenta que agora possui. Brás se sente enojado por tal visão, mas reconhece que Marcela ainda mantém algo da sua antiga identidade, ou seja, mantém algo da sua primeira edição, a saber: a cobiça.

Não era esta certamente a Marcela de 1822; mas a beleza de outro tempo valia uma terça parte dos meus sacrifícios? Era o que eu buscava saber, interrogando o rosto de Marcela. O rosto dizia-me que não; ao mesmo tempo os olhos me contavam que, já outrora, como hoje, ardia neles a flama da cobiça. Os meus é que não souberam ver-lha; eram olhos da primeira edição. (ASSIS, 2014, p. 136-137).

Nessa teoria das várias reedições da personalidade humana, Marcela tornou-se diferente por ser agora uma mulher feia, mas, ao mesmo tempo, ela continuava com algo que a caracterizava no passado, isto é, o interesse por coisas materiais. Assim, essa comparação das reedições de um livro com as transformações e permanências identitárias de uma pessoa é fortemente trabalhada nesse reencontro que Brás teve com ela.

Sob essa ótica, a mulher é rebaixada apenas ao padrão de beleza, sendo criticada quando não se mantém atraente, ao invés de ser desvalorizada, por exemplo, por ter interesses materiais mesquinhos, tanto que o próprio protagonista não se importou muito em ter sido extorquido, durante sua mocidade, por esta antiga namorada, quando ela aparentemente efetuava um tipo de jogo de sedução ou charme sobre ele. Na verdade, o jovem Cubas a amava mesmo assim, mesmo com toda a presença da ganância e a constante exploração de suas finanças. Mas, no momento em que Marcela perde o seu grande trunfo (a beleza física, a beleza estética), Brás a rejeita enquanto mulher, enojando-se dela.

Esse interesse superficial de Brás, ou seja, um interesse em admirar um corpo feminino todo formoso, acontece também com Eugênia, uma vez que ele não consegue aceitar o fato de uma pessoa ser bonita e possuir, ao mesmo tempo, uma deficiência física: “O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! [...] Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?” (ASSIS, 2014, p. 126). Ou seja, para Brás Cubas, uma mulher deveria ter todos os atributos físicos de beleza, no que diz respeito aos ideais culturais de sua época, caso contrário, ele a rejeitava.

3.4 TEORIA DA EQUIVALÊNCIA DAS JANELAS DA ALMA

A teoria da equivalência das janelas da alma está em sintonia com a teoria do medalhão, a qual explicamos a seguir: um medalhão possui dois lados, de maneira que o usuário deste objeto (em um sentido metafórico) mostra, aos seus contempladores, apenas uma de suas faces (a face que lhe interessa), resguardando o lado inverso para si, o qual possui a conotação real do seu eu, das suas reais intenções. Coisa muito similar à ideia fixa de que o protagonista tanto fala no início do romance, a saber: a empreitada do emplasto

Brás Cubas que, em um primeiro momento, é descrito pelo narrador-personagem como um produto medicinal que serviria para “aliviar a nossa melancólica humanidade”, um remédio “verdadeiramente cristão” (ASSIS, 2014, p. 36). Mas que, na sequência, é descrito como uma coisa que primava pelo desejo da glória, que primava pelo egoísmo de Brás: “Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: – amor da glória” (ASSIS, 2014, p. 36-37).

Há, inclusive, ainda em relação a esse episódio da teoria do medalhão, entre esse jogo de filantropia e de amor da própria glória, uma discussão entre dois tios de Brás que vão opinar sobre isso de maneira distinta. Um vai criticar o amor de uma glória humana, enquanto o outro vai defender e elogiar tal posicionamento, inclusive adentrando em uma discussão que, em determinado aspecto, perpassa também pelas ideias de uma masculinidade autêntica, no que se refere aos moldes do ideário moderno, informando “que o amor da glória era a cousa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição” (ASSIS, 2014, p. 37).

Por conseguinte, a partir do capítulo cinquenta e um, Brás, que estava interessado por uma mulher casada (Virgília), mostra-se ciente de que tal ato era egoísta, embora já tivesse confessado essa sua tendência comportamental em outros momentos da narrativa, a exemplo do trecho: “mas opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui” (ASSIS, 2014, p. 63), bem como imoral, conforme os ditames estabelecidos pela própria obra, a exemplo do excerto: “[...] lobrigava, ao longe, uma casa nossa, uma vida nossa, um mundo nosso, em que não havia Lobo Neves, nem casamento, nem moral, nem nenhum outro liame, que nos tolhesse a expansão da vontade” (ASSIS, 2014, p. 183). Sendo assim, para aliviar um pouco a sua consciência, Brás prestou-se ao papel de bom cidadão diante de uma situação totalmente distinta da aventura amorosa em que ele estava ingressando,

mais especificamente o de procurar restituir uma moeda de ouro à pessoa que a havia perdido, moeda esta encontrada pelo protagonista acidentalmente. Ou seja, há, nesse episódio, esse jogo entre a boa conduta *versus* a má conduta, funcionando, hipocritamente, como uma maneira compensatória dos erros humanos: “Assim, eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência” (ASSIS, 2014, p. 162).

Em outros termos, mostra-se um lado do medalhão para a sociedade e esconde-se o outro, a fim de não perder as aparências de um homem respeitável e grandioso, bem como abre-se uma janela para criar uma situação que possa esconder (ou fechar) uma outra situação nada honrosa, uma outra janela. Como se, para se prezar pela boa imagem masculina, Brás Cubas tivesse que evidenciar apenas os signos apropriados de uma masculinidade socialmente esperada, de maneira a esconder a sua outra atribuição de homem não admirado pelos outros, comparativamente ao que é dissertado pelo sociólogo Oliveira (2004, p. 80):

A sociedade dos bons homens, dos homens autênticos, legítimos e socialmente admirados funcionava (e ainda funciona) como uma sociedade de admiração mútua que efetua sempre uma dupla atribuição valorativa distorcida: exagera suas próprias características positivas no mesmo momento em que enfatiza os traços negativos daqueles que não fazem parte do grupo.

Nesse sentido, Brás, visando um reconhecimento comunitário, conhecendo também que seria mal visto pelas demais pessoas do seu contexto, pelo fato de ser um amante, de ser um homem a cometer adultério, ainda mais quando essa mulher envolvida tratava-se da esposa de um homem político, de um homem socialmente notório, decide evidenciar seus atos positivos e esconder suas ações tidas como de valor negativo. Esse cinismo e

hipocrisia ficam ainda mais evidentes quando Brás, em outra ocasião, encontra um montante maior de dinheiro e age de forma destoante deste episódio da moeda de ouro, chegando a afirmar que o achado não é roubado.

3.5 TEORIA DA SOLIDARIEDADE DOS ABORRECIMENTOS HUMANOS

Essa teoria é explicada no capítulo quarenta e dois. Ela funciona como se fosse uma força de um corpo que é repassada para outro corpo. Na obra, o narrador dá o exemplo de um objeto, mais especificamente de uma bola, que, depois de receber um impacto, se movimenta até atingir uma outra bola, a qual, por sua vez, por ter recebido esse impacto, também passa a rolar até atingir outra bola e a transmitir a força de movimentação que recebeu da primeira, como se fosse um jogo de bilhar. Assim,

dá-se movimento a uma bola, por exemplo; rola esta, encontra outra bola, transmite-lhe o impulso, e eis a segunda bola a rolar como a primeira rolou. Suponhamos que a primeira bola se chama... Marcela – é uma simples suposição –; a segunda, Brás Cubas; a terceira, Virgília. Temos que Marcela, recebendo um piparote do passado, rolou até tocar em Brás Cubas, o qual, cedendo à força impulsiva, entrou a rolar também até esbarrar em Virgília, que não tinha nada com a primeira bola; e eis aí como, pela simples transmissão de uma força, se tocam os extremos sociais, e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano. (ASSIS, 2014, p. 144).

Nessa perspectiva, conforme essa filosofia machadiana (SCHWARZ, 1990), no que se refere aos aborrecimentos humanos, quando uma pessoa sofre uma chateação, acaba repassando esse desconforto para outros indivíduos que nada tinham a ver com a primeira pessoa que se aborreceu, também como se fosse um jogo de bilhar, em que uma bola gira e bate em outra que, conseqüentemente, também se movimenta. Desta feita, Marcela, ao se reencontrar com Brás Cubas, lembrou-se do passado deles. Em seguida, do mesmo modo,

Brás Cubas ficou relembrando a história dos dois, se lamentando por ter gastado tantos recursos financeiros em prol daquela mulher interesseira. Virgília, que nada tinha a ver com ambos, também havia ficado irritada por Brás ter demorado em se encontrar com ela. Demora esta ocasionada pelo reencontro de Brás com Marcela. Enfim, todos ficaram aborrecidos de alguma forma e em decorrência dessa lei metafísica.

No entanto, nessa situação, mais uma vez Brás Cubas demonstra uma ausência de um sentimento mais relacional, típico de uma identidade masculina rotulada, “fazendo crer ao indivíduo que um homem se faz sob sucessivos absolutos: nunca chora; tem que ser o melhor; [...] jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar” (NOLASCO, 1993, p. 40). Ele só mostra interesses pelos portes físicos das personagens, já que muitos homens “divinizam as mulheres, transformando-as em musas e rainhas, para assim poderem se enamorar de suas próprias fantasias” (NOLASCO, 1993, p. 70), tanto que o motivo maior do espanto de Brás foi ver Marcela feia, quando atacada pela moléstia da bexiga, de maneira que ele, ao chegar na casa de Virgília, tem uma alucinação, enxergando esta última personagem, por um certo tempo, como se estivesse também atacada pela referida enfermidade, coisa que não aconteceu: “[...] seria Virgília aquela moça? Fitei-a muito, e a sensação foi tão penosa, que recuei um passo e desviei a vista. Tornei a olhá-la. As bexigas tinham-lhe comido o rosto [...]” (ASSIS, 2014, p. 142).

3.6 A TESE DA PONTA DO NARIZ

A tese da ponta do nariz refere-se puramente ao sentimento de inveja que um indivíduo exerce sobre outro. Uma inveja que é acompanhada do orgulho, ou seja, um sujeito que cobiça o sucesso de uma outra pessoa, de modo a sempre menosprezá-la, enquanto enaltece a si mesmo como sendo um indivíduo superior.

Desta feita, a tese da ponta do nariz funciona em duas perspectivas: a primeira corresponde ao simples fato de ter inveja de alguém, e a segunda perspectiva é a de se reconhecer como sendo melhor do que esse alguém, de maneira a querer “competir com o próximo e a superá-lo, nem que seja em fantasia” (SCHWARZ, 1990, p. 154).

Brás Cubas seria o personagem que melhor representa essa teoria, uma vez que ele se sente mais importante e mais capacitado do que os seus demais concorrentes, e, na condição de sujeito engendrado no ideal tradicional de masculinidade, bem como encarnando a representação da elite dominante de seu contexto, é um homem que exemplifica “a exigência de superioridade em relação aos outros” (BADINTER, 1993, p. 134). Contudo, ele nada faz para superá-los, ficando no comodismo, e apenas vivendo uma ilusão pretenciosa de se achar superior aos outros, como foi em relação ao seu adversário Lobo Neves, que acabou arrebatando Virgília das mãos do protagonista:

Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano. Não precedeu nenhum despeito; não houve a menor violência de família. [...] Cedi; tal foi o começo da minha derrota. (ASSIS, 2014, p. 145).

É dessa maneira que Brás deixa de se casar com Virgília, limitando-se a ser o amante dela no futuro, uma vez que não tem a coragem de lutar por ela. Ele simplesmente se acomoda perante a vitória do outro candidato e passa a lutar somente na imaginação, ficando em silêncio quando se trata de atitudes que ele poderia executar na realidade, falhando, assim, na realização do desempenho esperado para um indivíduo masculino, visto que, dentro de uma sociedade patriarcal, “contínua e sistematicamente [...], os homens estão condenados a vencer” (NOLASCO, 1993, p. 58).

No que se refere à tese da ponta do nariz, “a mordacidade está na ciumeira pitoresca e geral que a tese faz supor, e na sugestão muito burguesa de que a fantasia serve de substituta a desempenhos fracos” (SCHWARZ, 1990, p. 152). Além do fato de que Brás, pretensiosamente, se acha um homem melhor do que o Lobo Neves, ou seja, mais bonito, mais elegante, mais simpático, mais leitor, entre outros atributos.

3.7 O HUMANITISMO

O Humanitismo consagra-se como a maior das filosofias presentes nas *MPBC*. Nas palavras de Schwarz (1990, p. 155), “a mais célebre das filosofias machadianas”. Essa filosofia, na narrativa, foi elaborada pelo personagem Quincas Borba (amigo de Brás Cubas), desenvolvida em uma obra de quatro volumes, de cem páginas cada, além de serem livros escritos à mão, em letra bastante miúda, contendo várias citações em latim, sem falar no fato de que o último volume possuía a leitura mais enfadonha entre todos os demais livros. Não obstante, quando o referido autor, Quincas Borba, fica louco, ele acaba queimando toda essa produção intelectual para refazê-la a partir do zero.

Deixando de lado esses acontecimentos, o Humanitismo é uma tese que preza pelo sistema hierárquico dentro da sociedade, de modo que a competição é bem-vinda para o seu pleno funcionamento e, como consequência, a inveja acaba sendo uma virtude e um combustível para a competição entre os homens. Nesse sentido,

Humanitas é o princípio único de todas as coisas, residindo igualmente nas partes vencida e vencedora, no condenado e no algoz, de sorte que não há perda alguma onde parecia haver uma desgraça. Daí que a dor não existe nem tem cabimento. [...] A par das teses da *struggle for life*⁵, o Humanitismo inclui o elogio da sociedade hierárquica e ritualizada,

⁵ *Luta pela vida* (tradução nossa).

difícil de conciliar com aquelas primeiras. (SCHWARZ, 1990, p. 155, grifo do autor).

Tal apreço pela hierarquia é tão presente na obra que o personagem Brás Cubas prefere aceitar possíveis explicações que enalteçam o seu ego do que simplesmente aceitar uma percepção da verdade que seja comum a todos do seu meio. Um exemplo disso seria quando o médico alienista visita o protagonista, nos capítulos cento e cinquenta e três e cento e cinquenta e quatro, a fim de averiguar uma suspeita de loucura no mesmo, e acaba atestando que há uma certa normalidade no fato de todas as pessoas possuírem algum grau de insanidade, em momentos específicos de suas vidas, logicamente. O exemplo dado pelo alienista recai sobre um dos criados de Brás Cubas, o qual estava a abrir indistintamente todas as janelas da casa do seu senhor, além de alçar completamente todas as cortinas, acreditando que, com isso, aquele humilde empregado seria o dono de todo aquele vasto mundo, nem que fosse por um breve momento de fantasia, um breve tempo de ilusão. Essa explicação é aceita por Brás, em um primeiro momento, em virtude da comparação feita com a história do maníaco de Atenas, narrada da seguinte forma pelo médico:

– Há de lembrar-se – disse-me o alienista – daquele famoso maníaco ateniense, que supunha que todos os navios entrados no Pireu eram de sua propriedade. Não passava de um pobretão, que talvez não tivesse, para dormir, a cuba de Diógenes; mas a posse imaginária dos navios valia por todas as dracmas da Hélade. Ora bem, há em todos nós um maníaco de Atenas [...]. (ASSIS, 2014, p. 347).

Essa seria a explicação de um profissional da saúde que estudava casos de insanidade, mas, como fora mencionado, as respostas do Humanitismo são mais bem aceitas do que as respostas convencionais, já que as filosofias humanitísticas inflam o ego dos seus usuários. Nesse sentido, Quincas Borba vai dizer ao seu amigo Brás que, na verdade, o que ocorria com o criado deste era a simples aceitação da sua condição de

inferioridade dentro da hierarquia daquele ambiente, de forma que o criado se sentia altamente satisfeito nas suas tarefas domésticas por ter a honra de ser o empregado de um homem tão importante como o Brás Cubas, e não de outro senhor. Tal teoria torna-se a explicação mais bem recebida pelo próprio Brás, como atesta o texto:

O que o teu criado tem é um sentimento nobre e perfeitamente regido pelas leis do Humanitismo: é o orgulho da servilidade. A intenção dele é mostrar que não é criado de *qualquer*. Depois chamou a minha atenção para os cocheiros de casa-grande, mais empertigados que o amo, para os criados de hotel, cuja solicitude obedece às variações sociais da freguesia, etc. E concluiu que era tudo a expressão daquele sentimento delicado e nobre – prova cabal de que muitas vezes o homem, ainda a engraxar botas, é sublime. [...] – Sublime és tu – bradei eu, lançando-lhe os braços ao pescoço. (ASSIS, 2014, p. 350-351, grifo do autor).

Portanto, a partir desses exemplos, fica claro que o Humanitismo enaltecia em demasia a hierarquia social, no que diz respeito às discrepâncias econômicas entre as pessoas, favorecendo o conformismo do pertencimento de cada indivíduo em sua específica classe social. Em outras palavras, quem era pobre deveria se sentir satisfeito por ser pobre, e quem era rico deveria se sentir satisfeito por ser rico.

Contudo, Brás Cubas só passa a considerar o personagem Quincas Borba como seu grande amigo intelectual, no momento em que este último sai da condição de pobre miserável e passa a ser novamente alguém da elite, graças a uma fortuna que o mesmo adquiriu sem nenhum esforço, através de uma herança.

Os estudos sobre as construções históricas e sociais das masculinidades esclarecem um pouco essa postura de Brás em fazer acepção de pessoas, uma vez que “estar desempregado é um estado que pode ser interpretado como falta de potência e força viril, da mesma maneira que perder posses e honra é compreendido como um ataque à condição masculina” (NOLASCO, 2001, p. 66). Sob esse viés, apesar de tanto Brás Cubas, quanto Quincas Borba, bem como outros personagens da elite nesse romance não fazerem

praticamente nada para o próprio sustento, perder posses ainda assim era um forte traço de desvirilidade. Quando Quincas Borba era, em sua juventude, um sujeito rico, também era muito admirado pelo pequeno Brás, principalmente nos tempos de escola. Mas, no momento em que ele se torna um mendigo (na fase adulta), Brás praticamente cria uma repulsa dele, não o considerando mais como um companheiro. Esse tipo de situação mostra, mais uma vez, um tipo de hierarquia entre os homens, colocando os afortunados em uma categoria socialmente superior ou hegemônica de masculinidade, enquanto os pobres são vistos como subalternos, ao ponto de serem repelidos cada vez mais para a marginalidade.

Recuei espantado. [...] Era o Quincas Borba, o gracioso menino de outro tempo, o meu companheiro de colégio, tão inteligente e abastado. Quincas Borba! Não; impossível; não pode ser. Não podia acabar de crer que essa figura esquálida, essa barba pintada de branco, esse maltrapilho avelhentado, que toda essa ruína fosse o Quincas Borba. Mas era. Os olhos tinham um resto da expressão de outro tempo, e o sorriso não perdera certo ar escarinho, que lhe era peculiar. Entretanto, ele suportava com firmeza o meu espanto. No fim de algum tempo ardeei os olhos; se a figura repelia, a comparação acabrunhava. (ASSIS, 2014, p. 176).

Nesse sentido, somente quando Quincas Borba volta a ser um homem rico, quando passa a transitar mais uma vez nos círculos da alta sociedade, é que ele também volta a ser estimado pelo seu amigo. E isso só é possível porque Quincas adquire novamente muitas posses, deixando de viver de favores, voltando a ter um reconhecimento intelectual perante a elite. Isso quer dizer que, em um sentido estereotipado, ele se masculiniza socialmente, uma vez que “um homem de verdade deve ser um provedor adequado” (NOLASCO, 2001, p. 99), além do fato de que “a masculinidade é medida pelo compasso do sucesso, do poder e da admiração que provoca” (BADINTER, 1993, p. 134). Atributos estes que, agora, retornam à identidade do Quincas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou analisar o papel das ideias, das construções filosóficas existentes no romance *MPBC*, de maneira a relacioná-las com a conduta mesquinha do personagem masculino Brás Cubas. Nesse sentido, muitas vezes as ações desse personagem são explicadas pelas teses construídas durante o romance, a exemplo das validações das atitudes competitivas entre os ricos, da falta de caráter perante as pessoas carentes etc.

Contudo, em outras oportunidades, também foi apresentado, nesse trabalho, que os estereótipos de identidade masculina favorecem o comportamento do protagonista em questão, a exemplo do fato de ele ser um possuidor de bens materiais, de se considerar uma besta sexual ao se relacionar adulteramente com Virgília, de achar que possui forte intelecto, de ser competitivo com os demais personagens masculinos, de desprezar a maioria das mulheres que passam em sua vida (normalmente porque elas ou ficam feias, ou porque são financeiramente pobres), entre outras coisas.

Desta feita, tanto as filosofias criadas pelo autor quanto a presença de marcas da identidade masculina, idealizada como autêntica em uma sociedade engessada no patriarcalismo, contribuem para a caracterização da conduta de seu protagonista, bem como da de outros homens, como foi o caso do pai de Brás Cubas, ou do seu amigo Quincas Borba, dentre outros personagens.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Penguin Classis: Companhia das Letras, 2014.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

FERREIRA JÚNIOR, Nelson Eliezer. A violência generificada na literatura brutalista. **Nau Literária** (UFRGS), v. 14, n. 02, p. 126-136, 2018.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **Conceitos essenciais da sociologia**. Trad. Claudia Freire. São Paulo: UNESP, 2016.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: EDUFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. (revista e ampliada). Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.

RECEBIDO EM: 30 de novembro de 2020

ACEITO EM: 24 de maio de 2021

Publicado em junho de 2021